

AS CONTRIBUIÇÕES DO MULTICULTURALISMO NO RECONHECIMENTO DA HOMOSSEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

Anna Luzia Oliveira*
Rejanira Alves Gertrudes**

RESUMO

O artigo tem o objetivo de discutir como a proposta do multiculturalismo contribui no debate crítico da homossexualidade no cotidiano escolar. Para isso, utilizaremos como fonte as reflexões de Vera Candau (2008) sobre as tendências do multiculturalismo e sua problematização sobre a diversidade no contexto escolar. Para nos ajudar a pensar a sexualidade utilizaremos os escritos de Michel Foucault (1985) e as contribuições da psicanálise Freudiana e Lacaniana para a compreensão da homossexualidade. Entendemos que toda educação está imersa nos processos culturais do contexto, portanto, a diversidade de sujeitos que constituem o ambiente escolar requer um olhar problematizador sobre suas diferenças e semelhanças, numa perspectiva que não apenas identifique suas peculiaridades, mas as questionem como algo que foi culturalmente naturalizado. O estudo contribuirá para a reflexão e debate em torno da diversidade, especificadamente da homossexualidade na escola, no qual evidenciamos que a sexualidade humana é uma construção social e histórica, que através de ditos padrões culturais estabelece o que é ser homem e mulher.

Palavras-chave: Multiculturalismo. Homossexualidade. Escola.

1 INTRODUÇÃO

Entendendo o espaço escolar como um lugar formador de indivíduos, propomos uma aproximação dos/as alunos/as com a questão da diversidade. Nesse sentido, no presente texto

* Mestranda no Programa de Pós Graduação da UFPB, na linha de pesquisa de Estudos Culturais da Educação. Graduada em licenciatura e bacharelado em psicologia pela UEPB. Email: annaluz.uzl@gmail.com

** Mestranda no Programa de Pós Graduação da UFPB, na linha de pesquisa de Estudos Culturais da Educação. Email: gertrudesrejanira@gmail.com

analisaremos a homossexualidade no cotidiano escolar, promovendo um debate sobre o multiculturalismo, com o propósito de desnaturalizar as verdades absolutas sobre os padrões sexuais.

Inicialmente, faz-se necessário refletir um pouco sobre a homossexualidade, o que será feito a partir da psicanálise, em seguida conceituaremos o multiculturalismo e suas tendências, no qual observamos que tal conceito possibilita enxergar e discutir as várias formas de vivência humanas que se apresentam no meio social.

Todas as discussões seguintes serão desenvolvidas no contexto escolar, contribuindo para desmistificar verdades historicamente estabelecidas, possibilitando um espaço no qual as diversidades estejam presentes, sendo problematizadas e dialogadas, e não somente identificadas.

2 A HOMOSSEXUALIDADE A LUZ DA PSICANÁLISE

Os registros históricos pontuam que a sexualidade humana é uma construção sociocultural e histórica, uma vez que segue padrões culturais de cada sistema de sociedade. Essa foi a grande sacada das Ciências Sociais, quando elabora o conceito de gênero como uma construção social do sexo anatômico, o que separou a dimensão biológica do social e evidenciou que ser homem ou ser mulher é efeito da cultura, da linguagem, dos valores sociais:

O homem desconhece que de antemão algo já está fixado na estrutura, inscrito em uma anterioridade lógica pela linguagem que o preexiste. Ser desejado ou não, a expectativa dos pais quanto ao sexo, são enunciados entre tantos outros, cuja marca significativa pode ser ou não dolorosa, mas é indelével (SANTANA, 2003, p. 1).

Dentre as muitas formulações sobre a sexualidade, destaca-se o predomínio da heterossexualidade e a rejeição, estigmatização, de outras manifestações da sexualidade, como a homossexualidade que, por muitos anos, foi tida como patologia.

A psicanálise está presente nas discussões sobre a sexualidade. Freud, a partir de suas reflexões e produções teóricas, contribuiu amplamente para esse debate. Quanto à homossexualidade, sempre defendeu tratar-se de um aspecto não patológico. Em seu texto de 1910, “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”, Freud (1996) garante que a homossexualidade não é uma vantagem, mas também, não há nada nela que possa subestimar, não é um vício, refere-se a uma variação da função sexual, e não uma doença.

Freud nos mostrou em sua obra, que a anatomia, o biológico, não determina a sexualidade do sujeito. Ela tem conseqüências psíquicas, sendo de uma maneira muito

particular, para cada um e não de uma forma universal. Há dois sexos anatômicos, no entanto, no inconsciente só há um, o falo, e o sujeito pode ou não recusar. Assim, a escolha do sexo, fazer-se homem ou mulher, supõe influências biológicas, psicológicas (implicação subjetiva do sujeito) e sócio-culturais, nunca uma determinação genética ou uma opção racional.

Lacan (1985), mais tarde, em sua releitura de Freud e com os avanços que proporcionou à psicanálise, refere-se à sexualidade como uma opção sexuada, colocando no centro da organização sexual do sujeito as suas relações com o gozo, o modo de subjetivação do sexo, significando uma escolha possível, a partir do que lhe é ofertado.

Para a psicanálise, a sexualidade é sempre traumática, e a partir de então, o sujeito precisa inventar uma solução particular, e para isso, a criança recorre à linguagem, por meio de elaborações de teorias – fantasias – que têm aspectos simbólico, inconsciente e imaginário, para interpretar as experiências sexuais, que se apresentam assustadoras, e para evitar a continuidade desse gozo que se apresenta no real e insuportável, pois só assim o sujeito é capaz de encará-lo. Como assevera Drummond (s/d, p. 4) “O sexo chega às crianças como um encontro com um gozo real que deverá ser interpretado. A criança se coloca a trabalho diante desse gozo, buscando interpretá-lo com os recursos que dispõe”.

Assim, com o conceito de sexuação, Lacan (1985) indica que a sexualidade se organiza a partir do modo de subjetivação frente ao significante fálico e da posição do sujeito em aceitar ou recusar esse significante. Dessa forma, pode-se perceber que a homossexualidade é uma das possíveis soluções que o sujeito dá ao encontro com o real da castração e com o desarranjo do seu gozo.

Dessa forma, homossexualidade é, a partir da subjetivação que fez do sexo anatômico e da modalidade singular que encontrou para se haver com as condições de gozo, um estilo de vida similar a outros, como uma escolha objetal, inconsciente, que é tão defensável quanto outras.

Visto isso, discutiremos, a partir do multiculturalismo no contexto escolar, as possíveis saídas e caminhos que a escola precisa percorrer para desnaturalizar os estereótipos construídos culturalmente, em especial sobre a homossexualidade, com o intuito de refletir as distorções sociais sobre seu tratamento, que tendem a naturalizar a discriminação e preconceito, colocando a diferença sexual no véis inferiorizante.

3 PENSANDO O MULTICULTURALISMO NO CONTEXTO ESCOLAR

A teoria do multiculturalismo teve início em meados do século XX, nos Estados Unidos da América, e nasceu das lutas sociais dos grupos discriminados e excluídos, especialmente a partir das reivindicações dos afrodescendentes. Nessa perspectiva, posteriormente é que o multiculturalismo se insere no meio acadêmico, principalmente depois dos anos 80, quando as instituições escolares começaram a abordar questões sobre a valorização dos hibridismos culturais, a pluralidade e as diferenças culturais.

Contudo, só recentemente, nos anos 90, é que as produções acadêmicas ganharam significado, de modo que ao ultrapassar as fronteiras estadunidenses e chegar ao Brasil, o tema da pluralidade cultural foi incorporado entre os temas transversais propostos pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais de 1997* (BRASIL, 1997), como resultado da introdução do tema da pluralidade cultural nos currículos oficiais, com a finalidade de apresentar e pensar a heterogeneidade da população brasileira.

O multiculturalismo tem se constituído teoricamente num movimento de diferentes tendências, que tratam da diferença identificando, isolando ou as problematizando. Para nossa discussão nesse estudo, apresentaremos duas abordagens, a descritiva e a propositiva, esta última subdivide em três concepções: a diferencialista, assimilacionista e a interculturalidade.

Segundo Candau (2008) a abordagem descritiva tem o multiculturalismo como uma característica das sociedades atuais e enfatiza a descrição e compreensão da construção da configuração multicultural de cada contexto específico, como por exemplo, o contexto da população brasileira é diferente do contexto dos povos europeus.

Diferentemente, a abordagem propositiva percebe o multiculturalismo para além de um dado da realidade, como percebemos nas reflexões de Candau (2008, p. 20):

A perspectiva propositiva entende o multiculturalismo não simplesmente como um dado da realidade, mas como uma maneira de atuar, de intervir, de transformar a dinâmica social. Trata-se de um projeto político-cultural, de modo de se trabalhar as relações culturais numa determinada sociedade, de conceber políticas públicas na perspectiva da radicalização da democracia, assim como de construir estratégias nesta perspectiva.

Conforme acima citado, nesta abordagem enfatizamos três concepções distintas: a **propositiva assimilacionistas**, que propõe uma descrição multicultural das diferenças, na qual todas as diferenças devem integrar uma cultura hegemônica, não se problematizando a heterogeneidade dos sujeitos que compõe a escola, utilizando um discurso equivocado da universalização escolar. Assim, nesta perspectiva “procura-se integrar os grupos marginalizados e discriminados aos valores, mentalidades, conhecimentos socialmente valorizados pela cultura hegemônica.” (CANDAU, p.21).

As práticas pedagógicas assimilacionistas evidenciam a multiplicidade dos/as alunos/as, e as “enquadram” no padrão sócio-cultural estabelecido sob modelo único. Com um caráter monocultural e homogeneizador das estratégias utilizadas, dos conteúdos e dos valores privilegiados, os alunos/as marginalizados não teriam suas peculiaridades e experiências trabalhadas, de modo que “um pré-requisito para juntar-se à turma é desnudar-se, desracializar-se e despir-se de sua própria cultura”. (MCLAREN, 1997, p. 115).

Nestas reflexões, a escola torna-se um espaço alienador, no qual os sujeitos homossexuais deveriam “sair” da sua opção sexual, “silenciar-se” e “enquadrar-se diante dos padrões propostos de ser mulher e de ser homem, culturalmente construídos, e que passam a ser exigidos como verdades absolutas, estando nessa tendência o slogan bem divulgado pela mídia no ano passado, em 2013, sobre “A cura Gay”, proposto e sugerido pelo Deputado João Campos do PSDB de Goiás, embora muito questionado e até mesmo ridicularizado pelos cidadãos que protestaram em nosso país.

Sobre as práticas educativas iguais para todos, que ao invés de incluir, exclui os sujeitos, Gomes (2000, p. 86) escreve:

As práticas educativas que se pretendem iguais para todos acabam sendo as mais discriminatórias. Essa informação pode parecer paradoxal, mas, dependendo do discurso e da prática desenvolvida, pode-se incorrer da homogeneização em detrimento do reconhecimento das diferenças.

A segunda abordagem propositiva é a **diferencialista**, que enfatiza o reconhecimento das diferenças, no entanto, *nega uma escola igual para todos* e tende a querer estimular e evidenciar a necessidade de preservação das diferenças culturais, sendo que por meio da separação dos grupos “diferentes”, o que implicaria a constituição de instituições escolares separadas para cada grupo.

Com essa proposta podemos pensar nas escolas que não estão preparadas para receber os sujeitos com necessidades de práticas, didáticas e conhecimentos diferenciados, como por exemplo, os sujeitos surdos que precisam ser alfabetizados na língua de sinais – Libras – (sua língua materna), o que demanda muito trabalho e investimento, e por isso, em alguns casos são encaminhados para escolas específicas para sujeitos surdos, que passam a conviver na escola somente com os “iguais”. Assim, com essa perspectiva nos vem a pergunta: é preciso a construção de escolas específicas para sujeitos cuja opção sexual difere da esperada pela sociedade, e bem mais, como ficariam as crianças e adolescentes criados por casais ou sujeitos homossexuais? São questões que permanecem.

A terceira a abordagem propositiva é a **interculturalidade**, que propõe um multiculturalismo aberto e interativo, que acentua a interculturalidade como o caminho

adequado para a construção de sociedades democráticas, pluralistas e inclusivas, que articulem políticas de igualdade com políticas de identidade (CANDAUI, 2008).

Trata-se de uma abordagem que, por favorecer as possibilidades de reflexão, desnaturalização do igual e das verdades absolutas, e por propor o reconhecimento, a problematização e o diálogo entre os diferentes grupos, se apresenta como um conceito que nos ajuda a pensar a diversidade cultural na escola, de modo especial o sujeito homossexual, objeto de reflexão no presente artigo.

Assim, as reflexões que se seguem, serão apoiadas nesta última concepção, a interculturalidade, perspectiva que percebe o hibridismo cultural, possibilita repensar seus diferentes componentes, pretende romper com a tendência homogeneizadora e padronizadora que impregna as práticas escolares e busca mediar reflexivamente, às influências plurais que as diferentes culturas exercem de forma permanente sobre a diversidade dos/as alunos/a.

Nesse sentido, pretendemos contribuir com uma educação que não apenas reconheça “outro”, mas que o diálogo entre diferentes grupos sociais e culturais seja possível, e nesse sentido a escola consiga favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas, ou seja, que haja uma negociação cultural e diálogo entre diferentes grupos. No estudo em questão, entre os sujeitos heterossexuais e os homossexuais, sem a relação de poder, na qual um acredita ser superior ou outro.

Afinal, como nos assevera Catherine Walsh (2001, p.10-11), a interculturalidade é:

Um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade. Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença. Um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados. Uma tarefa social e política que interpela ao conjunto da sociedade, que parte de prática e ações sociais concretas e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade. Uma meta a alcançar.

Nesta perspectiva, devemos “ultrapassar uma visão romântica do diálogo intercultural e enfrentar os conflitos e desafios que supõe” (CANDAUI, 2008, p.32), nas discriminações simbólicas e físicas problematizá-las, não deixar despercebido as frases sutis de “olha o frutinha”, “essa coca é sukita”, “seja homem, seu viadinho”, “machona”, “bichona”, entre tantas outras frases carregadas de negatividade e menosprezo.

Que essas atitudes verbalizadas ou gesticuladas sejam cotidianamente trabalhadas, num diálogo interpessoal, no qual o “outro” e o “eu” são sujeitos de direitos, que essas situações não sejam compreendidas por uma “brincadeirinha”.

A homossexualidade não pode mais ser reconhecida como algo “anormal”, fora da natureza humana, esse é um assunto sério que precisa ser tratado na escola com legitimidade e consistência:

É fundamental que a escola possa ajudar na formação da identidade e possibilitar um desenvolvimento mais harmonioso, porque todo mundo sabe que a sexualidade é fator essencial na questão da identidade: o “ser menino” ou o “ser menina”, o que é ser homem ou mulher, os comportamentos e ações de cada gênero. Essas são as primeiras questões que aparecem para as crianças na escola e têm a ver com essa identidade básica com a formação de sua personalidade. É importante trabalhar com um conceito amplo de relações de gênero, que mostre que há infinitas formas de ser homem e de ser mulher e de expressar isso. (EGYPTO, 2003, p.1)

Assim, a interculturalidade nos possibilita consistência no debate que enfatizamos ao reconhecer que o ser humano não nasce heterossexual, ser homem ou mulher é uma construção possível dentro do que foi ofertado.

4 POR UM DISCURSO POSITIVO E SADIO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

O estudo sobre sexualidade nas escolas é de suma importância, sobretudo porque este tema envolve nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura. Repletos de mitos e verdades sobre a sexualidade, ela deve ser tratada de forma clara e séria, principalmente com nossos alunos/as, para que as desmistificações e tabus sobre a sexualidade, em especial o orientação sexual, seja discutida e problematizada no cotidiano escolar.

A discussão sobre orientação sexual deve ser desenvolvida de maneira que possibilite um distanciamento dos padrões ditos “normais” sobre sexualidade. A homossexualidade necessita ser visualizada e debatida fora de um viés de “anormal”, assim como qualquer outra forma de relacionamento afetivo, é uma orientação sexual que requer respeito e direito.

As escolas precisam se adequar a estas questões sobre orientação sexual, afim de contribuir e promover subsídio aos alunos/as para que estes/as possam construir suas visões de mundo com respeito a diversidade humana, em todas as suas formas, sejam elas crenças, costumes, etnias, sexualidade etc., não apenas tolerando o “outro”, mas percebendo este “outro” como sujeito de direito.

Mas, as escolas frequentemente tratam a sexualidade na escola a partir dos aparelhos reprodutivos e biológicos dos seres vivos, os alunos/as compreendem esses mecanismos, no entanto, ficam carentes quanto à reflexão sobre a diversidade da orientação sexual. É

necessário, como já discutido, um planejamento eficiente sobre o trabalho desse tema nas salas de aula, com pessoas preparadas. Nesse sentido Ribeiro (1990, p. 20) nos esclarece que:

O orientador sexual é o agente transformador e multiplicador de valores e comportamentos dos indivíduos, grupos e da sociedade como um todo e este deve, antes demais nada, acreditar em sua proposta e na necessidade de se levar para a sala de aula o debate sobre sexualidade e homossexualidade.

Embora os jovens se digam descolados, alternativos e modernos se mostram retraídos e encabulados para debater sobre homossexualidade, o que nos foi possível constatar em conversas informais com adolescentes/alunos de escolas nas quais as pesquisadoras já trabalharam e que os jovens relatavam que a homossexualidade é um tema difícil de falar e poucos expressavam, verbalmente, suas opiniões.

Ao conversarem entre eles sobre homossexualidade, nos foi possível ouvir discursos como: “homossexual é gay e garoto delicado, cheio de frescura”, “lésbica e uma menina com jeito de homem”, “não gosto de sair com meninas macho para não ser como elas”. São discursos expressados quase que homogeneamente e, com poucas palavras, os alunos/as retratam homossexuais do sexo masculino como sendo afeminados e homossexuais do sexo feminino com padrões de rigidez e brutalidade.

Nesse sentido, evidencia-se que existem padrões equivocados de ser “homem”, “mulher” e, também, “gay” e “lésbicas”, características que foram culturalmente construídas e que a sociedade as entende como naturais.

Por isso, acreditamos que o espaço escolar deve ser um ambiente propício a desconstruir a rigidez desses padrões, promovendo reflexões sobre a sexualidade, e que não contemple apenas os aparelhos biológicos femininos e masculinos e sim um discurso e uma prática respeitosa com atitude positiva e sadia.

Nosso intuito em problematizar a sexualidade nas escolas é contribuir para que esse tema seja discutido e distanciado da perspectiva de naturalização do ser homem/mulher respectivamente ao macho/fêmea e ao órgão sexual masculino e feminino, mostrando que “as relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes” (NUNES, 1987, p. 15).

A sexualidade esta emersa nas relações de poder, simbolismo e representações que estabelecem seus padrões, segundo Michel de Foucault (1985, p.100):

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso,

a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

É nessa vertente que nosso trabalho se apresenta, contribuindo para que os discentes tenham uma visão além da sexualidade estereotipada e equivocadamente constituída a partir de mitos, e que percebamos que nossos jovens não são tão descolados e modernos o quanto se revelam, que seus discursos e práticas denunciam suas inconsistências sobre a sexualidade: homossexual ou heterossexual.

CONCLUSÃO

Diante desse diálogo entre multiculturalismo, escola, sexualidade/homossexualidade e psicanálise, percebemos que o espaço escolar e o percurso das práticas pedagógicas pelas múltiplas identificações nas salas de aula e o debate do sujeito de direito, a escola tende estar conectada a essas sensibilizações de perceber, respeitar e legitimar o “outro”, especificadamente da opção sexual.

Embora muitas mudanças tenham acontecido no mundo, a indiferença e os preconceitos primitivos sobre a homossexualidade são vivenciados na sociedade contemporânea e a escola parece não está isolada dessa tendência.

Cabe aos participantes dos processos educativos a decisão sobre a ênfase que será adotada sobre a homossexualidade. O debate do reconhecimento da diversidade sexual tem que estar atrelado ao respeito do direito de escolha do outro, numa democratização do espaço escolar.

Para que haja respeito à diversidade na escola, em especial ao homossexual, é necessário que todos sejam reconhecidos com dignidade e em direito, distanciando da hierarquização dos indivíduos diferentes em superiores e dominantes, e em inferiores e subalternos.

Os risos e gozações das manifestações, verbais ou não verbalizadas, de forma pejorativa necessitam serem questionados nas escolas. Abordar o tema da homossexualidade nas escolas é ir além de meros cartazes, palestras isoladas, é preciso tratar o tema permanentemente com ações planejadas pedagogicamente, que essas práticas tenham um teor sério, objetivo e profundo.

O homossexual é discriminado na escola com sutileza de olhares, cochichos e piadas preconceituosas, que aparentemente são ditas sutilmente, mas que carregam consigo

negatividade que os coloca como aberrações, contribuindo para o aumento de atitudes e comportamentos homofóbicos.

Nosso objetivo foi contribuir para que o discurso e a prática escolar frente à homossexualidade sejam desenvolvidos com uma perspectiva sadia e positiva, a luz da interculturalidade e que nas escolas ultrapasse a sexualidade tida em padrões estigmatizados, do ser mulher/homem, que esse debate promova um espaço propício para o respeito da diversidade humana. Concordamos com a reflexão de Marta Suplicy (1990) sobre educação sexual, que esta necessita ser problematizada pela família, escola e a sociedade muito antes do nascimento.

THE MULTICULTURALISM THE CONTRIBUTIONS OF HOMOSEXUALITY IN RECOGNITION SCHOOL CONTEXT

ABSTRACT

The article aims to discuss the proposal of multiculturalism contributes to critical debate of homosexuality in school life. For this, we will use as a source of reflections Vera Candau (2008) on the trends of multiculturalism and his questioning of the diversity in the school context . To help us think sexuality will use the writings of Michel Foucault (1985) and the contributions of Freudian and Lacanian psychoanalysis to the understanding of homosexuality. We understand that all education is steeped in cultural processes of context, therefore , the diversity of subjects that make up the school environment requires a problem-look at their differences and similarities , in a perspective that not only identify their peculiarities , but the questioning as something that was culturally naturalized. The study will contribute to the reflection and debate on diversity, specifically homosexuality in school, in which we showed that human sexuality is a social and historical construction , which through said cultural patterns establishes what is to be man and wife.

Keywords: Multiculturalism. Homosexuality. School.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CANAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: CANAU, V. M.; MORREIRA, A. F. **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008. p.13-37.
- DRUMMOND, C. **Diferença sexual e inconsciente**. Disponível em: <<http://www.ebp.org.br>>. Acesso em 24 jun. 2009.
- EGYPTO, A. C. (Org.) **Orientação sexual na escola**: um projeto apaixonante. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 7. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FREUD, S. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 67-141.
- GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, E. (org.). **Racismo e anti-racismo na educação repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2000.
- LACAN, J. (1972-1973). **O Seminário – Livro 20. Mais, Ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- MCLAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez. 1997.
- NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. Campinas, SP: Papyrus, 1987.
- SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. 16 ed, RJ: Vozes, 1990.
- RIBEIRO, P. R. M. **Sexualidade e Educação Sexual**: Apontamentos para uma reflexão. São Paulo – EPU, 1990.
- SANTANA, Vera Lúcia Veiga. **Sexo em qualquer posição**. Salvador, 2003. Disponível em <http://www.ebp.org.br>. Acessado em 24 de junho de 2009.
- WALSH, Catherine. **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial: reflexiones latinoamericanas**. Quito: Universidad Andina Simón, Abya-Yala, 2005.